

Resenha de *A Imaginação Crítica, Hume no século das Luzes*, de Pedro Paulo Pimenta (Rio de Janeiro: Azougue/Pensamento Brasileiro, 2013).

Hume Pintor

Maria Isabel Limongi

belimongi@yahoo.com.br
(Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v19i1p205-212>

O livro *A imaginação crítica, Hume no século das Luzes*, de Pedro Paulo Pimenta, reúne uma série de ensaios, alguns inéditos, outros anteriormente publicados em coletânea, revista acadêmica ou jornal, acrescidos da tradução de trechos da correspondência de Hume e da resenha dos *Poemas de Ossian*, antes publicada na coletânea *O Iluminismo Escocês*.¹ Trata-se, segundo os termos do autor, de apresentar "aspectos menos conhecidos" da obra de Hume, o que Hume pensou sobre certos "tópicos", como "a linguagem e suas relações com o pensamento e vida em sociedade, o lugar da filosofia entre as artes e as ciências, o papel das artes na formação das maneiras e do caráter dos homens, a possibilidade de conciliar, na prática das ciências, instrução e prazer" (apresentação, p. 7). Mas o livro parece ter uma unidade ainda maior do que esta que aqui se propõe e que está em tratar desses tópicos com o foco na importância que Hume concedeu às questões de estilo e aos modos de expressão, aos diferentes gêneros de discurso e seus diversos efeitos sobre os homens.

Assim, o primeiro ensaio, *A força das palavras*, serve de introdução ao conjunto de ensaios ao reconstituir o conteúdo do ensaio *Da Eloquência*, de 1741, onde Hume se dedica a resgatar a arte da eloquência do descrédito e a refletir sobre as razões do seu declínio entre os modernos, em particular os ingleses. O ensaio oferece um excelente quadro da questão da eloquência, comparando as apreciações de Hume

1. PIMENTA, P. (org.) *O iluminismo escocês*. São Paulo: Alameda editorial, 2011.

com a de seus contemporâneos e referindo-as aos clássicos que lhe serviram de exemplo.

Em boa parte dos ensaios é a questão dos gêneros de discurso e suas especificidades o que está em questão. É assim, como já diz seu título, no ensaio *O Diálogo como gênero filosófico*, em que se trata de explorar o uso que Hume faz do diálogo, um uso que, como mostra Pimenta, vai muito além de tomá-lo como um modo de expressão afeito a uma certa postura cética, mas que, na esteira da "poética do diálogo como gênero filosófico" de Shaftesbury (p. 57), vê nele uma forma de exercício moral, uma maneira de trabalhar as paixões, temperando seus excessos e submetendo-as ao entendimento, pela adoção do distanciamento crítico a que ele conduz. Assim, se Hume faz uso do gênero para tratar da questão da religião natural, não é apenas como um modo de evitar uma posição definitiva sobre o assunto, mas como uma forma de equilibrar os ânimos religiosos e conter o entusiasmo. Esse efeito torna importante ao filósofo o cultivo do gênero, em grande estilo.

No ensaio sobre a eloquência, trata-se ainda de evidenciar a preocupação de Hume com o modo adequado de se expressar em filosofia, isto é, com as particularidades da filosofia enquanto gênero discursivo, enquanto um "saber que delicadamente se equilibra entre dois mundos, o da palavra escrita (erudição) e o da oralidade (conversa), e [que] tem, assim, uma eloquência própria" (p. 37). A mesma preocupação se vê ainda nas observações de Hume, reconstruídas no ensaio *Da maneira ao estilo*, em condenação ao estilo pesado e abstruso do *Tratado da Natureza Humana*, preterido em favor das *Investigações sobre o entendimento humano e sobre o princípio da moral*, nas quais os mesmos conteúdos são retomados e expostos em estilo conciso e simples, mais apto a agradar ao público e por isso também ao autor. A busca de Hume por um estilo filosófico próprio é ainda tema no ensaio *Rousseau e D'Alembert, ou o filósofo no espelho*.

É da história enquanto gênero discursivo o que trata o ensaio *A arte do retrato histórico*, em que se aponta para a importância de Tácito para Gibbon, Blair e Hume, como um modelo na arte da composição de quadros históricos, um modelo ao qual, segundo Pimenta, Hume teria recorrido fartamente na *História da Inglaterra*. Aqui, mais uma vez, o foco parece ser a atenção dada por Hume e seus contemporâneos britânicos ao estilo e modos de expressão pertinentes ao gênero histórico.

É também a questão do *gênero* pastoral o fio condutor do ensaio *A Ilusão Pastoral*, onde se comenta a resenha de Adam Smith do *Discurso sobre a Origem da Desigualdade* de Rousseau, particularmente suas considerações acerca do modo como Rousseau se serve desse gênero em sua descrição da condição natural do homem. O comentário resgata também as posições de Hume sobre o gênero, e, com esse pano de fundo, trata das diferenças entre Rousseau e Smith quanto ao modo de pensar a função e os métodos da história natural, ela também visa- da enquanto um gênero discursivo.

O gênero da pintura é assunto no ensaio *Da maneira ao estilo*, pela referência à metáfora do anatomista e do pintor a que Hume recorre para tratar das diferenças entre os gêneros filosóficos. Ele está em questão também no ensaio *A lógica do tableau*, que explora os aspectos pictóricos ou plásticos da percepção em relação com as questões compositivas inerentes ao gênero da pintura, tratadas ainda em *A arte do retrato histórico*, onde se mostra como esta arte aproxima, justamente, os gêneros da história e da pintura. A atenção dada por Hume aos aspectos compositivos dos discursos faz do retrato pictórico e de sua força expressiva o horizonte de suas reflexões sobre o estilo e modos de expressão, tal como reconstituídas por Pedro Paulo Pimenta. O livro recolhe e documenta fartamente, com erudição e cuidado, o que Hume pensou sobre o tema.

Em relação com o Hume preocupado com as questões de estilo e com as particularidades compositivas dos gêneros discursivos - o Hume crítico -, o conjunto de ensaios traz à cena ainda, em segundo plano, outros Humes, particularmente o Hume historiador e o filósofo moral, dado que a crítica tem dimensões morais e históricas que não escapam às análises de Pimenta, sobretudo a segunda. Trata-se então de abordar o que Hume pensou acerca, não mais da forma, mas dos conteúdos da História e da Moral, para além das particularidades do gênero discursivo a que pertencem, mas como elementos de sustentação do trabalho crítico.

Assim, o ensaio sobre a eloquência mostra como as considerações sobre o declínio dessa arte entre os modernos conduz Hume a explorar as diferenças nas maneiras e costumes entre antigos e modernos e a apreciar a arte da eloquência no interior de um quadro histórico. É justamente em razão das diferenças entre as maneiras e os caracteres das épocas que Hume contesta, numa resenha crítica cuja tradução compõe o volume, a autenticidade dos poemas de Ossian, publicados

em 1760 como a suposta tradução de poemas celtas do século III a.c., o que ensejou, como relata Pimenta, uma intensa polêmica em torno de sua autenticidade, da qual o texto traduzido é uma peça. É o problema da história da civilização e o de seu sentido, tão visitado e discutido ao longo do século XVIII, ligado à compreensão histórica das diferenças entre as maneiras e caracteres dos povos e à identificação das circunstâncias históricas que as condicionam, que se abre então.

Este problema é tema também no ensaio *Refinamento e Civilização, ou como se colocar à altura do seu tempo*, em que Pedro Paulo Pimenta reconstrói, tomando como ponto de partida um artigo de E. Benveniste, acerca da história da palavra "civilização", incorporada ao vocabulário das línguas modernas em meados do século XVIII, toda a discussão em torno do significado do termo e do sentido da história da civilização, se o de progresso ou de declínio dos costumes. A mesma questão reaparece na resenha de Smith sobre o segundo *Discurso* de Rousseau, objeto de comentário em *A Ilusão Pastoral*.

A dimensão moral da crítica, por sua vez, é explorada no ensaio *O Diálogo como Gênero Filosófico*, em que está em questão, como já observamos, os efeitos morais do exercício do diálogo, na regulação das paixões. Ela é também tangenciada no ensaio *Da Maneira ao Estilo*, por ocasião do comentário à observação de Hutcheson ao *Tratado da Natureza Humana*, segundo a qual Hume deveria ter se engajado mais fortemente na defesa da virtude, no lugar de apenas apresentá-la por meio de uma investigação abstrata, como faz no *Tratado*. A essa observação Hume responde recorrendo à metáfora do anatomista e do pintor e esclarecendo que no *Tratado* optou por proceder à maneira do anatomista, procurando desvendar as "molas e princípios mais secretos" (*apud* Pimenta, p. 42) do seu objeto, em vez de recompor sua graça e beleza, como faria o pintor. Isso equivale a proceder como o metafísico, que explica o que é a virtude, e não como o moralista, que a exorta. Há toda uma questão sobre a natureza da investigação moral no horizonte dessas observações.

Aqui, pode-se talvez lamentar que Pedro Paulo Pimenta reduza a distinção entre esses dois modos de fazer filosofia moral a uma diferença de estilo— a diferença entre o estilo seco do metafísico, que fala ao entendimento, e o estilo vivo e forte do moralista, que fala às paixões -, de maneira a concluir que a diferença entre os estilos do *Tratado* e da *Investigação sobre os princípios da Moral*, implique uma dife-

rença no modo de fazer filosofia moral. De acordo com Pimenta, na passagem do *Tratado* para a *Investigação*, Hume deixou de considerar descabida a observação de Hutcheson de que deveria proceder ao modo do moralista, para então passar a aceitar fazer filosofia moral desse modo. No entanto, as diferenças compositivas e estilísticas entre as obras não implicam diferença no modo de fazer filosofia moral. Na *Investigação*, Hume permanece o mesmo anatomista do *Tratado*, expondo porém o resultado de sua dissecação de um modo mais conciso e agradável. Parece-me que aqui a foco nas questões de estilo acabou por obscurecer um aspecto da filosofia moral de Hume, o modo como Hume compreendeu a natureza e a função da filosofia moral, enquanto uma anatomia da virtude.

Pode-se dizer que é um retrato de Hume o que se trata de fazer em *A Imaginação Crítica* – o que é tão mais pertinente dizer em função da atenção particular que se dá ao modo como o próprio Hume pensou o tema da composição e do retrato. São facetas de Hume que aparecem na sequência dos ensaios, que aos poucos vão formando um quadro, completo e simples de um certo Hume. Além do Hume crítico, do historiador e do moralista, os ensaios mostram ainda o homem do seu tempo, preocupado com comentar e interferir nas questões e temas de sua contemporaneidade, em franco diálogo com a produção literária do século XVIII: o Hume da República das Letras e dos salões.

Por meio de intenso recurso à correspondência de Hume - que tem muitas de suas passagens traduzidas e comentadas por Pimenta, que contribui assim, de maneira importante, pela excelência de suas traduções, para a divulgação do seu conteúdo -, o retrato de Hume assume um tom anedótico. À figura do filósofo e literato se acresce a figura do homem de carne e osso, pelo que ficamos sabendo de certos episódios da sua vida, como sua viagem a Alemanha a serviço da diplomacia britânica, no ensaio *Hume e Tiepolo no Palácio de Würzburg*, e das condições de sua morte em *Os últimos dias de David Hume* (a tradução das passagens da correspondência em que se faz menção às circunstâncias de sua morte), assim como pela referência às particularidades de sua compleição física, em *Elogio da Obesidade* (a tradução de passagens da correspondência em que Hume comenta, em tom jocoso, o seu excesso de peso).

O livro traz ainda muita informação acerca do que Hume pensou de seus contemporâneos- sobre o que disse, por exemplo, acerca do estilo de Fegunson a Robertson e Blair, em *Refinamento e Civilização*, ou

sobre Rousseau e D'Alembert, em *Hume, Rousseau e D'Alembert, ou o filósofo no espelho* -, assim como sobre o que disseram dele, como Hutcheson, em *Da maneira ou estilo*, e sobre o que seus contemporâneos disseram uns dos outros, como Smith de Rousseau e Bouffon, em *A Ilusão Pastoral*. Esse "diz-que-diz-que", cuidadosamente pinçado da correspondência de Hume e outras fontes, retrata bem a intensa comunicação e correspondência entre os filósofos do XVIII e mostra o quanto as questões de estilo importavam não só a Hume como a seus contemporâneos. Ocorre, porém, dessas referências cruzadas tomarem em alguns momentos um espaço excessivo nas análises de Pimenta, como no ensaio *Refinamento e Civilização*, em que terminam por se sobrepor à questão de saída - o sentido do termo civilização, seus aspectos positivos e negativos - a ponto de fazer perdê-la de vista.

Do mesmo modo, se as observações sobre a obesidade, ao lado da reconstituição dos últimos dias de Hume, tem um interesse intrínseco, pela disponibilização de textos preciosos, exemplos finos do bom humor e da leveza de estilo de nosso autor, o mesmo não se pode dizer da questão que anima o ensaio sobre os painéis de Tiepolo, em que o caráter anedótico e a pergunta pitoresca e um pouco forçada - o que Hume teria a dizer acerca desses painéis se já estivessem instalados no momento em que visita o palácio de Würzburg? - põem à sombra a questão política - as observações de Hume sobre a suntuosidade do palácio como signo da autoridade dos príncipes alemães- que faz o interesse da anedota.

Todo esse anedotário serve, porém, com maestria, ao estilo que Pedro Paulo Pimenta pretende ele próprio cultivar em suas análises. Aplica-se a elas o que L. Jaffro escreveu acerca do livro *Shaftesbury e a formação de um caráter moderno*² de Luís Nascimento, quando diz que, se Luís Nascimento nos ajuda a compreender a filosofia de Shaftesbury, "também precisamos da filosofia de Shaftesbury para compreender Luís Nascimento" (p. 11). A referência aqui é ao modo como Nascimento mimetiza o estilo de Shaftesbury no comentário que faz de sua obra, o que se aplica igualmente à relação de Pedro Paulo Pimenta com Hume. É assim, como um elemento da composição do retrato de Hume, em compensação às análises mais pesadas, por assim dizer, que a mobilização de todo esse anedotário ganha sentido.

2. NASCIMENTO, L. *Shaftesbury e a formação de um caráter moderno*. São Paulo: Alameda editorial, 2012.

O esmero na arte de compor o retrato de Hume certamente compensa algum desconforto que um leitor de humor mais analítico e severo possa sentir diante do modo como Pedro Paulo Pimenta lida com certas questões metafísicas com as quais se depara. Por exemplo, no ensaio *A lógica do Tableau*, o autor aponta para uma interessante relação entre *composição*, no sentido em viemos falando dela até agora, e *percepção*. A percepção é para Hume, ele observa, como já para Locke, uma forma de composição, dado que envolve um processo de imitação na passagem das impressões às ideias, e que os efeitos dessa imitação, aos quais se condiciona a distinção epistêmica entre crença e ficção, dependem diretamente da unidade e simplicidade das relações entre os elementos perceptivos. Daí que, segundo Pimenta, o caráter de cópia da ideia deixe de ser um problema epistêmico para se tornar uma virtude – “*uma imitação bem feita (...) vale por muitas impressões*” (p. 87). De onde se passa, com certa rapidez, à conclusão: “*é na ‘crítica do gosto’ que se revelam a verdadeira natureza e dimensão do conhecimento, e resolvem-se, de uma vez por todas, os problemas da ‘lógica’*” (p. 88). A formulação é de impacto: no gosto encontra-se a solução definitiva dos problemas da lógica! Mas, por mais sugestiva e promissora que seja, tal conclusão não se deixa derivar, sem mais, da analogia entre composição plástica e percepção.

Um desconforto semelhante pode acometer o leitor de *A arte do retrato histórico*. Ali, Pedro Paulo Pimenta mostra como certas questões de método em História, tal como pensadas por Hume e Gibbon, para os quais cabe ao historiador trazer à luz o encadeamento e a lógica dos eventos relatados a fim de identificar suas causas gerais, espelham, para esses autores, as questões de gosto, precisamente aquelas relativas à unidade compositiva do retrato, de forma que ao historiador, enfatiza Pimenta, é imprescindível o bom gosto. Porém, por mais rigorosa que seja essa observação, ela corre o risco de ser redutora se não for melhor explorada. Pois, não são apenas as questões de gosto e certas exigências compositivas que motivam Hume a compor, para usar o exemplo de Pimenta, o retrato de Carlos I na *História da Inglaterra* do modo como ele o faz, quando se trata de resgatar a dignidade de sua figura contra a detração partidária de que teria sido vítima por uma certa historiografia. Aqui, não se trata apenas de bem retratar e de ser verdadeiro, segundo os bons princípios da composição. Trata-se de entender os episódios da guerra civil inglesa a partir das causas gerais que se presume presidir este e outros acontecimentos históricos, a partir de um método e de uma lógica para se julgar sobre causa e

efeito tomados de empréstimo das práticas cognitivas das ciências naturais e cujo alcance crítico não se deixa reduzir a uma questão compositiva. Seja como for, se o método histórico não se reduz a uma questão de gosto, as duas esferas não deixam de ter relação, como faz ver muito apropriadamente Pedro Paulo Pimenta.

Estas são pequenas objeções, a vontade de pensar para além do que se propõe a fazer Pedro Paulo Pimenta, instigada pela leitura de seu livro, cujo mérito está em pintar, de maneira deliberadamente recortada e fragmentada, um belo retrato do Hume pintor - não o anatomista, que é o mais conhecido.

Referências

- PIMENTA, P. *A Imaginação Crítica, Hume no século das Luzes*. Rio de Janeiro: Azougue & Pensamento Brasileiro, 2013.
- _____. *O iluminismo escocês*. São Paulo: Alameda editorial, 2011.
- NASCIMENTO, L. *Shaftesbury e a formação de um caráter moderno*. São Paulo: Alameda editorial, 2012.

Recebido em 30.05.2014
Aceito em 12.06.2014